

AS FACES DO REALISMO: *GIL BLAS* E A TRADIÇÃO REALISTA DO SÉCULO XVIII

Evaneide Araújo da SILVA *

RESUMO: *L'Histoire de Gil Blas de Santillane* é uma autobiografia ficcional surgida entre os anos de 1715-1747 na França. Nesse período, o romance (gênero mais popular do século XVIII) ainda guardava certos resquícios da antiga forma dos romances de cavalaria. Foi justamente esse caráter forçoso dos romances, bem como a repetição de temas que entediavam os leitores, que fizeram surgir alguns autores preocupados em recuperar a verossimilhança nas narrativas romanescas. No século XVIII, alguns escritores deram continuidade a essa tendência realista do romance; entre os mais importantes figura Alain René Lesage. Em *L'Histoire de Gil Blas de Santillane*, percebe-se a preferência de Lesage por uma arte voltada para a observação crítica da realidade, de modo que sua literatura, confirmando a tendência ao realismo, é um painel da realidade do século XVIII, não apenas na Espanha, onde a ação do romance se ambienta, mas em todas as sociedades européias do período.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo. Século XVIII. Romance de costumes. Sátira social.

O autor e seu contexto

Alain René Lesage nasceu em 08 de maio de 1668 na *Bretagne*, na cidade de *Sarzeau*, e morreu em 1747, em *Boulogne-sur-Mer*, com problemas de surdez e perda de memória. A vida desse importante literato francês não foi das mais difíceis, pelo menos financeiramente. Verdade é que não era de família pobre, mas um tanto modesta: contavam-se entre seus membros alguns oficiais reais, integrantes do judiciário francês. Mas, logo cedo, a existência do autor de *Gil Blas*

* Mestranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – nanyqrds@yahoo.com.br

foi marcada pela tragicidade: aos nove anos, em 1677, Lesage perde sua mãe; cinco anos depois, em 1682, seu pai também morre. A partir dos quatorze anos, é criado e educado pelos tios, que no mesmo ano da morte do pai o mandam para um colégio de jesuítas na cidade de *Vannes*. A educação de Lesage é feita quase toda em Paris: aos quatro anos de idade nosso autor já respirava os ares da Paris de Luis XIV. O tempo que compreende seu nascimento e morte coincide com grande parte do reinado do Rei-Sol, que morre quando Lesage contava 47 anos de idade, em 1714.

Como se percebe, nosso autor nasce em pleno Classicismo, no momento em que esta estética aflorava com suas obras primas: em 1668 Racine encena *Andromaque*. Também no mesmo ano tem-se a publicação das *Fables* de La Fontaine. Seria inevitável a influência da educação clássica no crescimento intelectual de Lesage. O fato de ter sido educado numa escola de jesuítas, como grande parte dos escritores do século, já evidencia essa formação calcada na tradição. Beatrice Didier (2002, p.17) destaca a penetração da formação clássica na vida dos escritores contemporâneos de Lesage:

[...] les pères jésuites, d'autre part, leur donnent une solide éducation classique; ils sortent des collègues avec une pratique courante du latin; la mythologie gréco-romaine est très présente dans leur imaginaire, leur connaissance des grands textes antiques est solide.

Dessa formação clássica e religiosa é que vêm, paradoxalmente, os espíritos anticlericais de autores como Lesage: por conhecer a fundo a religião, o autor percebeu cedo as contradições do cristianismo e também da sociedade em que estava inserido.

Diferentemente de alguns dramaturgos do teatro de feira, Alain-René Lesage alcançou reconhecimento em vida. Como Balzac, teve condições favoráveis para se sustentar financeiramente com sua produção artística. E como o autor da *Comédia Humana*, a necessidade de dinheiro estimulou sua criação literária. Grande parte da obra de Lesage são adaptações ou traduções de obras estrangeiras, em especial espanholas. A influência da Espanha na França em princípios do século XVIII é muito intensa, fato que demonstra as inúmeras traduções de obras espanholas no período. Na verdade, a fonte espanhola, especialmente do teatro, é que dá o tom em quase todas as suas importantes criações; Lesage, entretanto, recorria aos modelos espanhóis sem fazer meramente uma cópia destes; suas criações são originais e de alto valor literário, como já demonstrou a crítica. Sua primeira publicação é uma tradução, não do espanhol, mas do grego: em 1695, publica o romance *Lettres galantes d'Aristénète*. O recurso às fontes gregas, que

será depois deixada de lado, está em conformidade com a moda do tempo: a Grécia galante povoa o imaginário dos artistas do período, como se comprova pela pintura do século XVIII. Homem do teatro e também da prosa, Lesage produziu concomitantemente nos dois gêneros: em 1707 escreve *Crispin rival de son maître* (teatro) e *Le diable boiteux* (romance). Em 1708 cria *La tontine* (teatro), e um ano depois lança sua peça mais famosa, *Turcaret. Histoire de Gil Blas de Santillane*, sua obra-prima, começaria a ser publicada em 1715. Estas foram as criações lesagianas que a crítica consagrou. As peças *La tontine*, *Crispin rival de son maître* e *Turcaret* foram selecionadas para ser encenadas no *Théâtre-Français* (ou *Comédie-Française*), o importante palco francês fundado por decreto de Luiz XIV e que acolhia em especial encenações de peças de Racine e Molière. A parceria com a *Comédie-Française* termina em 1734, quando a monarquia não mais aceitou pacificamente as críticas das obras lesagianas: *La tontine* atacou diretamente uma instituição do Estado, e isso a *Comédie-Française* não poderia aceitar.

Depois da ruptura com o *Théâtre-Français*, Lesage produziu intensamente para o teatro de feira. Contam-se mais de cem peças escritas pelo autor para esta modalidade. O teatro de feira permaneceu por muito tempo esquecido pela crítica francesa. Só mais recentemente é que os estudos nesse campo proliferaram e deram a Lesage a oportunidade de ter suas obras redescobertas pela crítica contemporânea.

***Gil Blas de Santillane* e a tradição cômica do realismo**

Em *Histoire de Gil Blas de Santillane*, percebe-se a preferência de Lesage por uma arte voltada para a observação crítica da realidade, de modo que sua literatura, confirmando a tendência ao realismo, é um painel da realidade do século XVIII, não apenas na Espanha, onde a ação do romance se ambienta, mas em todas as sociedades européias do período.

Comparando esse realismo do século XVIII com a proposta da estética realista do século XIX, nota-se algumas diferenças significativas. Primeiro, percebe-se que *Histoire de Gil Blas* é um romance de observação de costumes, em especial dos costumes das classes baixas, como os servos, os senhores decadentes, os comediantes. O que sabemos dos personagens é o que eles possuem de característico dos setores sociais que simbolizam, e a presença desses tipos que representam grupos sociais comuns justifica-se pelo teor satírico do livro, pois quando Lesage descreve os tipos, lança um olhar crítico sobre os vícios e comportamentos cômicos de determinadas camadas sociais, revelando

os defeitos de uma sociedade que se queria polida e refinada, mas que escondia comportamentos dignos de zombaria.

Histoire de Gil Blas de Santillane veio a público entre os anos de 1715-1747. Seu autor, Alain-René Lesage, não era dos mais considerados no meio literário tradicional, pois suas obras, de caráter essencialmente crítico e popular, não agradavam um público-leitor até então acostumado com narrativas de teor melodramático, herdeiras diretas dos romances de cavalaria e de certos princípios clássicos inerentes a quase todos os romances da época. Algumas das principais características desses romances eram o vocabulário refinado, as longas descrições, os heróis de linhagem nobre, a ausência de crítica social.

Nesse contexto, Lesage surge para dar continuidade a uma espécie de “revolução realista” no gênero romance, revolução essa que já havia sido iniciada dois séculos antes, com a publicação de *Dom Quixote* (1604-1614), com os primeiros romances picarescos surgidos na Espanha no século XVI, e com alguns escritores franceses, tais como Scarron, Furetière e Sorel que, no século XVII, já levantavam a bandeira da arte realista como a melhor maneira de representar a vida e os problemas humanos. Os tradicionais romances de aventuras começavam a entrar em declínio, já que o público-leitor começava a entediarse com as narrativas melancólicas que sempre recorriam aos mesmos temas: amor, guerra, respeito à pátria, casamentos, etc. A classe social que tomava as rédeas nos campos econômico e cultural (a burguesia) reivindicava o seu espaço em todos os setores, inclusive na arte; nessa esteira, o herói comum foi definitivamente introduzido na literatura a partir do século XVIII.

Quando surgiu, *Histoire de Gil Blas de Santillane* não agradou de imediato, pois seu herói nada tinha de ideal: era um sujeito de baixa estirpe, cujo horizonte imediato era não trabalhar, e sobreviver como fosse possível, praticando o vício em detrimento da virtude. A ação do romance ancora-se vagamente na história da Espanha do século XVI. Nesse sentido, Lesage desloca sua obra no tempo e no espaço para fazer uma crítica à organização social de seu tempo, pois a narrativa nos traz a identidade quase perfeita de todas as sociedades européias da primeira metade do século XVIII. O narrador/protagonista dá conta de suas experiências ao mesmo tempo em que descortina pelo seu olhar observador comportamentos sociais típicos da sociedade do século XVI, mas que no século XVIII ainda continuam inalterados. A leitura do romance nos mostra, de maneira muito crítica, o poder político e o prestígio social que a Nobreza e o Clero historicamente detinham, enquanto os burgueses, que desde o século

XVI se configuravam como a classe social detentora de poder econômico, eram considerados indivíduos sem nenhum refinamento, desprestigiados nas esferas política e cultural.

Filho de um escudeiro e de uma criada de quarto, Gil Blas sai de sua pequena cidade (Oviedo, na Espanha) em direção a Salamanca para estudar. A partida de sua cidade natal é o pontapé inicial para uma série de aventuras que o herói protagonizará durante os anos que vão desde sua juventude até a maturidade. No início de sua viagem, Gil Blas é ainda muito jovem e ingênuo, e isso o faz passar de imediato por adversidades surgidas no contato com pessoas de má índole. De início, um forasteiro aproveita-se de sua ingenuidade para banquetear-se às suas custas. Logo depois, Gil Blas é feito prisioneiro por ladrões de estrada que o sequestram para torná-lo ajudante de cozinha em um esconderijo subterrâneo. Quando finalmente se liberta do cativo, o herói é mais uma vez aprisionado, desta vez acusado injustamente de roubo em uma pensão onde estivera hospedado. Depois desses tropeços e de outros que se seguirão, Gil Blas inicia sua vida de aventuras, transpondo barreiras através da esperteza e da trapaça para suprir necessidades de sobrevivência. Quando finalmente chega a Salamanca, o herói reencontra um amigo de infância, Fabrício, um laçao que é ao mesmo tempo vítima e comparsa de ambos miseráveis. O contato com Fabrício introduz definitivamente Gil Blas no ambiente da servidão, onde a malandragem é o requisito essencial para garantir a sobrevivência.

Através da caracterização dos personagens e do retrato dos fatos, *Histoire de Gil Blas de Santillane* afirma-se como um romance essencialmente realista. Seu herói de baixa estirpe é construído sobre a base realista: é um homem como qualquer outro, com seus muitos defeitos e poucas virtudes. A crítica social veiculada na narrativa é direcionada: os vícios sociais de uma sociedade que parecia não se modificar, eternamente ligada a tradições nada louváveis. Essa observação realista da sociedade é caracterizada por certos traços que a diferenciam da estética realista do século XIX, quando o realismo se constitui oficialmente como escola literária.

Se compararmos o realismo de Lesage com os princípios do programa realista do século XIX, notaremos algumas características que o particularizam. Em princípio, nota-se que o realismo de *Gil Blas* é essencialmente crítico, voltado para a observação cômica dos costumes das camadas sociais que compunham as classes mais baixas da estrutura social. Lesage busca apontar os vícios para, através desse apontamento, corrigir o “mal” e exaltar verdades e virtudes

partilhadas por toda a humanidade. Nesse sentido, o realismo de *Histoire de Gil Blas de Santillane* oscila entre a universalização mencionada e a busca pelo detalhe caracterizador, inserindo personagens que pertenciam à sociedade espanhola do século XVI. Na estética realista do século XIX, temos também a pintura do real, mas ela não é essencialmente voltada para a observação cômica dos costumes. Quando há essas descrições, elas raramente são feitas através de procedimentos cômicos, como ocorre na narrativa de Lesage. Os personagens dificilmente são tipos genéricos; ao contrário, são seres individualizados, concretos e conhecidos, cujas vidas particulares são marcadas por muitas oposições: bem/mal, beleza/feiúra, rudeza/requinte, amor/ódio. Falta a esse realismo a preferência pelo histórico, valorizando-se a cor local, o que é individual e característico. Em *Gil Blas*, ao contrário, praticamente só há personagens-tipo pintados comicamente pelo narrador. A título de exemplo, citaremos dois de importância significativa, pois são os que mais carregam as marcas do olhar satírico de Lesage: o jovem Fabrício e o médico Sangrado.

Fabrício é um personagem que reúne todas as características de um tipo social muito comum à época da ação do livro: os servos, que exerciam funções que iam desde pequenas tarefas domésticas (lavar, passar, cuidar do lar) até o posto de acompanhante de seus senhores nas festas e nos encontros sociais. Esses indivíduos eram caracterizados pela esperteza, pela renúncia ao trabalho formal e pela falsidade, requisitos necessários a quem não provinha de linhagem “nobre” e pretendia alcançar uma posição social de prestígio. Em uma conversa com Gil Blas, Fabrício deixa claro o modo como qualquer laçao esperto deve agir no meio social:

Il [le laquais] entre dans une maison pour commander plutôt que pour servir. Il commence par étudier son maître. Il se prête à ses défauts, gagne sa confiance, et le mène ensuite par le nez. C'est ainsi que je me suis conduit chez mon administrateur [...]. Je fis plus, je le copai, et, jouant devant lui le même rôle qu'il fait devant les autres, je trompai le trompeur [...]. (LESAGE, 1960, p.559-560).

Também o herói do romance reúne as características do servo fingidor. Ao longo de suas experiências, Gil Blas perde progressivamente sua ingenuidade inicial para se tornar um homem interesseiro e malandro. Através da pintura do tipo social dos laçaios, Lesage faz a crítica de uma sociedade em que a aparência física, a linhagem social e os discursos bem construídos (ainda que falsos) eram essenciais para a conquista de respeito. O protagonista do romance, já maduro, observa a falsidade das relações sociais durante os encontros comuns às vidas sedentárias dos senhores:

L'intendant, qui me parut plus pâle et plus jaune qu'une fille fatiguée du célibate, vient au-devant de Melendez en lui tendant les bras; [...] ils s'embrassèrent tous deux avec des démonstrations d'amitié, où il y avait beaucoup plus d'art que de naturel. (LESAGE, 1960, p.638).

Um outro personagem-tipo presente na narrativa é o Dr. Sangrado. Através da inserção desse médico de nome muito sugestivo, Lesage faz uma crítica direta à classe médica sua contemporânea. Dr. Sangrado é um médico que se destaca pelo seu método inusitado de tratar os pacientes: ele receita sangrias e água quente a todos os doentes, e através desse jeito nada profissional de tratá-los, evidencia-se a completa ignorância desse médico em relação à profissão que exerce. Com o do Dr. Sangrado, Lesage refere-se ironicamente aos métodos medicinais de então, que baseavam o exercício da profissão apenas na prática diária sem maiores preocupações com estudos científicos.

Outra característica do realismo de *Histoire de Gil Blas de Santillane* é a ausência de detalhes específicos e de descrições. Ao contrário do realismo do século XIX, a pintura dos personagens e ambientes é direta e sucinta, em detrimento da caracterização, seja ela psicológica ou física. Isso porque Lesage não pretende caracterizar uma sociedade específica ou um ser individual, mas, ao contrário, dá um tom universalizante à sua obra.

A narrativa abarca apenas descrições necessárias para o desenrolar da ação. Os personagens são descaracterizados; não há traços psicólogos que os individualizem; neles o autor só mostra aquilo que há de comum no tipo social que representam. O próprio protagonista do romance é um personagem “sem caráter”; seu comportamento é aquele comum a todos os lacaios da época. Gil Blas não tem, portanto, traços precisos de personalidade, pois Lesage não pretende construir um personagem com formação interior bem definida. Por ser um tipo, a caracterização de Gil Blas insiste em traços comuns, como a ingenuidade, a juventude, a vaidade e a simplicidade. Não há, por isso, o retrato das sensações, a reflexão moral, a presença da memória; Gil Blas simplesmente “se deixa levar pela vida”, perdendo sua individualidade ao longo da história, vivendo em grupo, ora de ladrões, ora de lacaios, ora de comediantes. Também o ambiente é sucintamente descrito, ou muitas vezes não o é; o narrador/protagonista, na dinâmica de sua narração não se detém na descrição dos lugares, das pensões onde fica hospedado, das casas onde serve. Ele apenas cita esses locais, em uma pintura rápida e precisa: “[...] j’ avais particulièrement envie de voir Tolède[...]; après avoir vu tout ce qu’ on voit de curieux à Tolède, j’ en partis un jour au lever de l’ aurore [...]” (LESAGE, 1960, p.751).

Para Lesage, mais importante para compreender o caráter dos personagens é perceber seus atos, observar sua maneira de viver, de falar e de vestir-se. E para descortinar os costumes de seu tempo, nada mais eficiente do que apresentar personagens-tipo que agem dentro da sociedade. O narrador chega mesmo a advertir o leitor que não se deterá para descrever lugares. É o que lemos na passagem em que Gil Blas vai ao palácio do arcebispo de *Grenade*, que seria depois seu novo patrão:

Si j'imitais les faiseurs de romans, je ferais une pompeuse description du palais épiscopal de Grenade. Je m'étendrais sur la structure du bâtiment. Je vanterais la richesse des meubles. Je parlerais des statues et des tableaux qui y étaient. Je ne ferais pas grâce au lecteur de la moindre des histoires qu'ils représentaient; mais je me contenterai de dire qu'il égalait en magnificence le palais de nos rois. (LESAGE, 1960, p.854).

O privilégio que o narrador dá à ação em desfavor das descrições pode estar associado, entre outras coisas, aos princípios críticos da literatura realista do século XVIII. Didier (2002) nota que na estética clássica, a arte de descrever tornou-se um ornamento; em narrativas de cunho realista, não caberia essa “flor da retórica”, puramente ornamental. No Dicionário de teoria da narrativa temos que

[...] em certos textos, as descrições assumem uma função meramente decorativa ou ornamentalista, aparecendo na verdade como unidades subsidiárias que se podem suprimir sem comprometer a coerência interna da história. Por outro lado, a digressão em torno de um personagem ou de uma paisagem retarda a ocorrência de determinados eventos, emergindo então a função dilatória, frequentemente atribuída à descrição. (LOPES; REIS, 1988, p.23).

E é exatamente essa a função que assumiam as descrições dentro dos romances romanescos (isto é, sentimentais) da época de Lesage, em especial nos romances de cavalaria: sem nenhuma função fecunda dentro da narrativa, os longos trechos descritivos serviam apenas para causar suspense, retardar o final apoteótico com o encontro final dos amantes que viveriam felizes para sempre. Já que a literatura realista do século XVIII tinha como uma de suas principais bandeiras a oposição aos procedimentos que se aplicavam nos romances galantes dos séculos anteriores, optar por uma técnica que privilegiasse em especial a dinâmica da narrativa era mais uma maneira de propor a renovação no gênero e de se colocar contra os procedimentos inverossímeis. Na narrativa de Lesage não há digressões em torno de nenhum personagem: as histórias de suas vidas são apresentadas no exato momento em que aparecem na narrativa.

Os fatos são narrados na medida em que vão acontecendo, e sem nenhum artifício que possa causar suspense ou longas hesitações no leitor. Um bom exemplo temos quando, no melhor momento da vida de Gil Blas, ele é preso sem nenhuma explicação. O leitor vem acompanhando os sucessos financeiro e social que o herói adquire na Corte, quando ele passa a ser secretário do primeiro ministro espanhol, o Duque de Lerme. De repente, sem explicação aparente, Gil Blas é preso, nas vésperas de seu casamento com uma rica burguesa. Ficamos ansiosos por saber o motivo da prisão, e o narrador não retarda em esclarecer o fato. No capítulo III do livro IX temos o momento da prisão; e no seguinte (livro IX, capítulo IV), duas páginas depois, a explicação do fato, narrado a Gil Blas por seu encarregado na prisão:

[...] le roi, informé que vous aviez, la nuit, le comte de Lemos et vous, mené le prince d'Espagne chez une dame suspecte, venait, pour vous en punir, d'exiler le comte, et vous envoyait, vous, à la tour de Ségovie, pour y être traité avec toute la rigueur que vous avez éprouvée depuis que vous y êtes. (LESAGE, 1960, p.991).

A ausência de descrições está, como dissemos, associada à intenção de não criar personagens complexos do ponto de vista psicológico, pois Lesage não pretende caracterizar um ser individual, mas sintetizar as estruturas das classes sociais através da pintura de costumes e gostos de seu tempo.

A narrativa realista do século XIX, ao contrário de tudo que foi citado, retira, nos termos de Coutinho (1955, p.22) “[...] a maior soma de efeitos do uso de detalhes específicos. Usam-se detalhes aparentemente insignificantes na pintura de personagens e ambientes.” Em *Historie de Gil Blas de Santillane*, pela própria economia de detalhes, a ação é dinâmica; a impressão de fluidez da narrativa é dada pela citação rápida das mudanças das personagens e pelos seus deslocamentos por vários lugares. O protagonista do romance troca de senhor muito rápido; seu caráter muda sem que haja descrições minuciosas sobre a perda de sua ingenuidade. Ao contrário do que ocorre na narrativa realista do século XIX, os conflitos interiores e os fracassos do herói não entram na história, pois o que se privilegia é a ação ao invés da caracterização. Como argumenta Coutinho (1955, p.22), “[...] a narrativa do século XIX move-se lentamente, pela própria natureza da técnica, que é minuciosa, e pelo maior interesse na caracterização do que na ação. O escritor realista dá a impressão de lentidão, de vai-vens, de marcha quieta e gradativa.”

Em *Histoire de Gil Blas de Santillane*, a sensação de lentidão está ausente para o leitor, pois as poucas descrições que há são pura e simplesmente colocadas para

dar à obra o caráter verossímil de que ela precisa, ou para dar uma informação útil à compreensão da narrativa. Não têm, como no programa realista do século XIX, um caráter causalista/determinista, ou seja, a intenção de justificar através de causas naturais ou culturais o comportamento das personagens, pois o realismo de Lesage pretende estudar comportamentos sociais e não temperamentos individuais.

Após a observação de certas características do realismo de *Historie de Gil Blas de Santillane*, é possível concluir que essa obra contribuiu para manter na França do século XVIII as tradições do romance realista defendidas no século XVII por escritores como Charles Sorel e Furetière. A obra de Lesage não é uma narrativa de aventura nem um romance psicológico; é tão somente um romance de costumes, destinado a exibir um grupo de personagens que simboliza os vícios e os caprichos de uma época (século XVIII). No entanto, por baixo de suas singularidades, os personagens não deixam de apresentar características gerais da humanidade, o que dá à obra um caráter universal. Gil Blas não é apenas um pícaro enquadrado na França do século XVIII. É também um homem no qual se acham traços característicos de outras épocas e de outras literaturas.



REALISM IN L'HISTOIRE DE GIL BLAS DE SANTILLANE

ABSTRACT: *L'Histoire de Gil Blas de Santillane* is a fictional autobiography dated from 1715 to 1747. In this period in France, the novel (the most popular genre in the 18th century) shows traces from the ancient form of the chivalric romance. The artificial characteristics of this type of narrative forced upon the novels and the repetition of their themes, which bored the readers, made some writers try to recover the verossimilitude found in the romance narratives. In the 18th century, some writers carried on with this realist tendency and among them is Alain René Lesage. In *L'Histoire de Gil Blas de Santillane*, Lesage shows his preference for an art turned to the observation of the critical reality in such a way that his literature, confirming this inclination to realism, is a panel of the reality found in the 18th century, not only in Spain, where the action takes place, but also in the European society of the period.

KEYWORDS: Realism. 18th century . Roman à tiroirs, Socials satire.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul-Americana, 1955. v. 2.

DIDIER, B. **Histoire de Gil Blas de Santillane de Lesage**. Paris: Gallimard, 2002.

LESAGE, A. R. **Histoire de Gil Blas de Santillane**. Paris: Gallimard, 1960. (Romanciers du XVIIIème siècle).

LOPES, A. C. M.; REIS, C. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

